

TEXTUALIDADE
E MEMÓRIA
PERMANÊNCIA, ROTURA,
CONTROVÉRSIA

EDIÇÃO
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia*

Edição: John Greenfield, Francisco Topa

Comissão editorial: John Greenfield (U. Porto / Coordenador), Francisco Topa (U. Porto),

Ingrid Kasten (F.U. Berlin), Laura Auteri (U. Palermo), Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (U.F. Góias)

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Paginação: Carlos Gonçalves | www.carlosgoncalves.net

Imagem da capa: Fuselog – Gabinete de Design, Lda.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Depósito legal: 454106/19

ISBN: 978-989-8351-96-8

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-96-8/tex>

Porto, dezembro de 2018

Produção: www.decadadaspalavras.com

Impressão e acabamento: Clássica, Artes Gráficas. Porto.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

MEMÓRIAS DA LITERATURA

ROSA MARIA GOULART*

*A memória abunda em surpresas como nas velhas fotografias e
nos espelhos.*

Jorge Luis Borges, *Eu, Borges*

Num tempo em que o texto digital tanto pode ser guardado e impresso como, por lapso, desaparecer num breve e impensado gesto, em que nós, os da formação acadêmica sustentada na letra dos textos que líamos, somos assaltados por ideias de sentido contrário, no que à memória diz respeito, perguntamo-nos que futuro para a memória guardada nos livros, a que agora nos interessa, e para que servirá ela a este nosso tempo ávido de novidade e de avanço tecnológico.

Italo Calvino, Jorge Luis Borges, e Walter Benjamin podem ser aqui convocados como representantes de três modos, em parte coincidentes em parte diversos, da literatura como guardadora de memórias, exemplo do que ela sempre tem tentado fazer. Em «contar o conto», Borges, remontando, à semelhança de Italo Calvino, George Steiner e outros, aos textos da Antiguidade e da Bíblia como fundacionais, elogia a narração sob a forma de conto, por oferecer ao presente a recuperação de paradigmas antigos (Homero, Virgílio), quando a cisão entre poeta e narrador era inexistente. Prevendo, como tem sido repetido, que um dia o romance, com todas as experiências ousadas a que tem sido submetido, possa deixar de estar entre nós, o escritor argentino, algo nostálgico da épica, hoje arredada da literatura, vê na aliança de conto e poema uma forma de nobre sobrevivência de uma tradição que não morrerá¹.

* Universidade dos Açores.

¹ Após anotar o pensamento de que o romance está a acabar (o escritor tem em mente a desestruturação do romance moderno), anota Borges: «Mas o conto, uma história tem algo que permanecerá. Não me parece que alguma vez os

Walter Benjamin, por sua vez, num interessante texto sobre o narrador, a partir da obra de Nicolai Leskov, mostra o seu apreço pela narrativa, onde distingue dois modelos de narrador, inspirados em duas atividades arcaicas, o exemplificado pelo camponês sedentário e o representado pelo marinheiro comerciante, e põe em confronto essas narrativas e o imediatismo da informação que ganha relevo no presente. Também não lhe escapa o modelo épico como paradigma nem a autoridade sancionada pela tradição², e considera o narrador dos contos de fadas como o autêntico narrador. «O primeiro narrador verdadeiro», afirma, «é e continua sendo o narrador dos contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda em caso de emergência»³. Italo Calvino, com a noção de enciclopédia, que aplica tanto ao romance do século XX (uma «enciclopédia aberta», diz), como, num comentário sobre Northrop Frye, à Bíblia, acentua que «a literatura não é feita só de obras individuais mas de bibliotecas, sistemas em que as várias épocas e tradições organizam os textos ‘canônicos’ e os ‘apócrifos’»⁴.

Permanece-nos então a ideia de memória como algo que textualmente se preserva, mesmo que texto se assuma com sentido metafórico e bem assim de mais amplo alcance, exercendo-se em suportes que não apenas o de papel impresso. E, mau grado uma certa ideia de desprestígio da memória, inclusivamente no ensino, ela visita-nos todos os dias, sob diversas formas, como visitou os autores que lemos, mostrando-se como obsessão de uns, fantasma de outros, impulso de representação de uns e outros.

Na literatura teremos em mente estas duas vertentes da memória, a de longo alcance, que traz a longínqua cultura do passado, enquanto texto escrito ou enquanto testemunho oralmente transmitido, ao mundo do presente, e a revelada, a nível intratextual, pelo narrador ou pelas personagens de ficção. Em algumas circunstâncias, é questionável a fiabilidade e o valor do que chega através de testemunhos orais ou escritos bem como as perturbações que o narrado pode sofrer, para não falarmos das memórias ficcionalizadas, como são as póstumas de Brás Cubas, quando o narrador/memorialista já não podia sê-lo.

homens se cansam de contar e de ouvir histórias. E se, a par do prazer de nos contarem uma história obtivermos o prazer adicional da dignidade do poema, algo de grande terá acontecido [...]. Acredito que o poeta voltará a ser um fazedor, ou seja, contará uma história e também a cantará. E não como pensaremos estas duas coisas como diferentes, tal como não as consideramos diferentes em Homero ou Virgílio» (BORGES, 2002: 62-63).

² Cf. BENJAMIN, 1996: 202-203: «O saber, que vinha de longe — do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição —, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser “em si e para si”. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa».

³ BENJAMIN, 1996: 215.

⁴ Esclarecendo que utiliza «apócrifo» no sentido etimológico da palavra, Italo Calvino conclui a argumentação sobre o assunto precisando que «a literatura é procura do livro escondido muito longe, que altera o valor dos livros conhecidos, é a tensão em relação ao novo texto apócrifo a encontrar ou a inventar» (CALVINO, 2003: 250).

Cientes, portanto, de que a memória é uma faculdade do ser humano indispensável ao armazenamento, mais ou menos consciente, das suas aprendizagens, mas suscetível de apresentar um variado leque de manifestações, é que as várias áreas científicas têm colaborado em estudos pluridisciplinares de reconhecida vantagem para o conhecimento do homem e da sua cultura. No domínio das novas tecnologias, não se esquece esse precioso *auxiliar de memória*, que é a Internet, onde encontraremos vastíssima informação sobre o assunto, designadamente ensaios sobre a memória oral dos povos sem escrita, a memória lutuosa dos grandes dramas pessoais, a presente na História universal, à memória afetada pela doença, sejam elas memórias de longo e de curto alcance.

No âmbito da história literária, a fixação de escolas, períodos e respetivas estéticas, é reveladora tanto das continuidades como das roturas, mais ou menos bruscas que trazem o novo, ostentam novas visões do mundo e da arte, evidenciando outras formas de representação e mesmo novos suportes para elas. Mas, como a novidade só se percebe como tal quando oposta a uma tradição ou a uma anterioridade, uma qualquer forma de manutenção da cultura passada se há de manter, embora não possamos prever de que modo se manifestará. Se uma obra não lembra uma estrutura tradicional, o seu carácter inovador deixa de ser percebido, lembrou Iuri Lotman, e, da sua perspetiva de autorizado historiador e fino ensaísta, Fernando Catroga escreveu:

A recepção do novo não pode significar, porém, uma hospitalidade acrítica, pois ele vem morar numa terra já habitada por homens com racionalidade ética e com memória; e é pela comparação, logo suscitada pela pré-compreensão, que a densidade do «aumento de ser» que ele oferece deve começar a ser avaliada. Caso contrário, cair-se-á na reificação da novidade, como se o tempo fosse, tão-só, um infinito somatório de momentos sem passado e sem futuro entre si⁵.

Os clássicos da Antiguidade greco-latina continuam a impor-se à nossa consideração (não sabemos como será para os jovens de amanhã), enquanto noutras culturas se preserva uma tradição oral transmitida de geração em geração pelos contadores de histórias. Esse efeito mágico da narração de uma história, seja sob a forma de mito ancestral ou de conto popular, ocorrida em tempo e espaço indeterminados e longínquos, mediante um conteúdo que se enriquece com a figura do narrador, sua expressão corpórea, retórica discursiva e inflexão de voz, poderá, talvez, ser uma razão para que o presente ainda receba, e guarde com agrado algum resíduo de um passado onde essas histórias terão sido primeiro ditas e ouvidas e depois escritas e lidas. A «hora

⁵ CATROGA, 2003: 161.

do conto» enche salas de crianças que ouvem ler histórias, recontam as que leram, mas também, para as mais novas, as que não leram, mas ouviram e fixaram.

Quando, na sua conferência sobre a «leveza», Italo Calvino recorre a exemplos retirados de uma bem conformada memória cultural e literária para sustentar as suas teses bem como a opção de, com a escrita, retirar peso ao mundo, está implicitamente, apoiando-se também na ciência e na tecnologia coevas, a trazer para o presente todo um conhecimento anterior, dizendo-nos até que a ciência e a técnica estão atualmente em consonância com essa sua pretensão:

Hoje em dia todos os ramos da ciência parecem querer demonstrar-nos que o mundo assenta em entidades delicadíssimas: tal como as mensagens do ADN, os impulsos dos neurónios, os quarks, os neutrinos vagueando pelo espaço desde o princípio dos tempos...

E também a informática. É verdade que o software não poderia exercer os poderes da sua leveza senão por meio do peso do hardware; mas é o software que comanda, que atua sobre o mundo exterior e as máquinas, que só existem em função do software, evoluindo de modo a elaborar programas cada vez mais complexos⁶.

É ainda com o auxílio da sua memória como biblioteca que Italo Calvino resume a duas as vocações da literatura como representação do mundo através dos séculos, ideia que já encontramos noutros, a saber, que a arte prossegue no tempo levando consigo a memória dos tempos precedentes, agrupando-os segundo denominadores comuns altamente sintetizados, o que a rica e muito bem informada reflexão do próprio autor confirma:

Podemos dizer que duas vocações opostas disputam o campo da literatura através dos séculos: uma tem a tendência para fazer da linguagem um elemento sem peso, que flutua por sobre as coisas como uma nuvem, ou melhor, como uma finíssima poeira, ou melhor ainda como um campo de impulsos magnéticos; a outra tende a comunicar à linguagem o peso, a espessura, a concreção das coisas, dos corpos e das sensações⁷.

Sendo o espaço literário um campo de grandes e pequenas memórias, deter-me-ei num género que a elas muito se presta, o diário. Definido pelo registo do correr dos dias, ele propicia, no entanto, um constante retorno ao passado, por parte daquele que se narra fragmentariamente, mas se sabe um todo feito dos pedaços de tempo

⁶ CALVINO, 2003: 22.

⁷ CALVINO, 2003: 29.

de toda uma vida. É esse recurso tanto mais relevante quanto vem acompanhado das referências culturais que um diarista culto e com mundo na bagagem nos traga, como nos é oferecido nos interessantes diários do escritor/diplomata Marcello Duarte Mathias. O próprio, nas várias anotações que deixa sobre o gênero, reconhece-o como lugar de memória e não é parco no relato das suas.

Em *Encontro em Capri ou o diário italiano de Gorki*, escreve o narrador/comentador, também assumido como ensaísta desse pretensão diário, misto de ficção e de referências histórico-geográficas, que,

*como todo o diário, também este é uma recolha de memórias. Porque é espelho e confronto, lugar e percurso, passagem e testemunho. Não é o balanço da obra — aqui, raras vezes mencionada, diga-se de passagem —, menos ainda um texto de intervenção ideológica, tema que era alheio a Gorki, embora a política aflore aqui e ali por força da relação com Lenine. É antes uma revisitação permanente do autor em busca de si mesmo, e, nas partes mais pessoais, uma procura de apaziguamento*⁸.

Interrogando, através do falso diário de Gorki, um tempo que ficou memorável, o que antecedeu a Revolução Russa e o que lhe sucedeu, o nosso autor não só constrói, à sua maneira, o perfil de um intelectual que deixou nome na História e na Literatura como exercita através dele o gosto pelos grandes temas políticos e culturais do século XX, em reflexões que continua a desenvolver no século XXI. A sua formação e experiência de vida forneciam-lhe à maravilha as ferramentas para desempenhar, com o sucesso que se sabe, essa tarefa.

Os seus próprios diários, com títulos indicativos de um percurso pelo mundo e de regresso à Abuxarda⁹, são um repositório de encadeadas memórias em que a identidade não é mera aventura do «eu» solipsista, mas de um *ser com os outros*, muito embora nos pareça ver, uma ou outra vez, aflorar uma necessidade de reversão a si próprio para se proteger do ruído do mundo em que não pode deixar de estar, mas de que às vezes parece querer resguardar-se.

Quanto a Paris, cidade de cultura, é todo um fascínio e uma dívida que são declarados, mesmo quando ela já não é o centro da cultura europeia, mas trata-se de um amor de quem a viveu por dentro, atitude concordante com a sua memória que ele diz ser «feita da memória das palavras»¹⁰. «A leitura dos livros dos outros é a sua maneira de amar a Humanidade», escreve em *Brevíssimo inventário*¹¹.

⁸ MATHIAS, 2008: 28.

⁹ Antes desse escrevera *Diário de Paris e Diário da Índia*, onde tinha residido como embaixador.

¹⁰ MATHIAS, 2010a: 204.

¹¹ MATHIAS, 2010b: 36.

Em *Encontro em Capri*, trata-se de pôr em relevo um tempo, uma figura intelectual, uma situação política, com os seus atores relevantes, uma boa oportunidade para fazer desfilar Lenine, em primeiro lugar, pelas relações de amizade com Gorki, Estaline, e, o que mais nos interessa, para evocar uma série de escritores, russos e não só, que a nossa memória cultural preserva e que Marcello Duarte Mathias terá guardado à sua maneira: Tchekov, Tolstoi, Stefan Zweig, D'Annunzio, Pirandello, etc. São figuras alvo de comentário nos apontamentos de Gorki, a que acrescem os comentários intercalados do comentador do diário de Gorki.

Colocando-se nessa situação de leitor/comentador, o narrador acrescenta-lhe sentido, uma maneira de nos mostrar o pendor crítico-ensaísta presente no próprio diário de Marcello Duarte Mathias, igualmente sensível à situação política do nosso tempo, quer em Portugal quer no estrangeiro. Talvez seja de acreditar que, no muito que vai colocando de si neste texto, lhe seria grato pôr em contraste uma militância política que não subscreveria e a humanização do artista que ressuma de algumas páginas, algumas até com nítidos toques de lirismo:

Irregular, o diário reflecte todavia, em termos de unidade, um encadeamento subterrâneo. O flagrante de certos instantâneos, como de certas reflexões, comprova-o bem. É o mesmo olhar tanto na sua essência como na sua imediatez. Ora truculento, ora satírico, mas sempre embrenhado de ternura e compadecimento humanos. Alma iluminada pela compaixão, Gorki é a cada instante um sobrevivente. De si e dos outros. Sobreviver era o seu modo de estar¹².

A atenção a este pretenso diário alheio (ele próprio confessa a sua mania dos diários), faz-nos pensar que as respetivas escolhas são em parte ditadas pelo seu gosto de diarista e respetiva conceção de diário. Sintomático é o modo como, ao contrário do que pensa o próprio, Marcello Mathias valoriza o diário de Vergílio Ferreira, exemplo de clareza (ao correr da pena ou «de torneiras abertas», diria Vergílio), em detrimento do romance, cuja escrita, «sem transparência e sem clareza», «sem claridade», não aprecia, posição que vem ao arrepio da maioria dos leitores vergilianos¹³:

Poderia aqui citar inúmeras passagens desse teor, sem transparência e sem clareza. (Apetece-me quase acrescentar: sem... claridade.) Não é, contudo, o caso deste diário. Bem pelo contrário. Dou com muita coisa bem dita, e aqui e ali uma

¹²MATHIAS, 2008: 101.

¹³Marcello Duarte Mathias haveria mais tarde de corrigir esta opinião negativa, na apreciação feita, no *Diário de Paris, a Para Sempre*.

*gravidade atenta, uma simplicidade que seduz, uma expressão pessoal ordenada em torno da emoção*¹⁴.

É uma questão de gosto, que não discutimos e que não partilhamos, devida, quem sabe (mas esta é mera hipótese interpretativa), a outros hábitos de leitura e à simpatia por uma narrativa clássica urdida segundo uma relação causal/temporal que a de Vergílio foi perdendo, ao mesmo tempo que o seu romance foi ganhando em frases mais curtas, lapidares, entrecortadas, a caminho do que ele considerava o «romance abstrato».

Num aspeto se aproximam, aliás, estes diaristas tão diferentes, mas com pontos de interseção não passíveis de serem aqui explorados, o da conceção de diário como lugar de aconchego e de contas consigo próprios, recetor das «aparas» e do «lixo» do quotidiano (Vergílio), ou «um livro de lacunas e de atalhos, soma de fragmentos, ferro-velho de palavras, *puzzle* para sempre incompleto por lhe faltar à partida o exacto desenho da sua configuração final»¹⁵.

Com uma voz muito própria, Marcello Duarte Mathias vai disseminando opiniões críticas sobre autores e tendências literárias, não curando de saber se os seus juízos são a contracorrente. Maria Gabriela Llansol tem um diário que lhe merece reservas e incompreensão, o que se percebe, porque dele está ausente a escrita despojada e cristalina do próprio Marcello Mathias. Raul Brandão, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Aquilino Ribeiro, Ruben A., para citar apenas alguns, são nomes que constam das páginas diaristas daquele autor. Aquilino, por exemplo, ainda não é o escritor imortalizado no Panteão Nacional (e ao autor de *No Devagar Depressa dos Tempos* interessará mais razões de outra ordem que não as vistosas celebrações públicas) e o retrato pessoano também lhe sai delineado com alguma ironia quando lhe destaca a condição de homem mortal, embora não se esqueça a certa observação sobre aquela múltipla personalidade que, por ser muitos, se não encontra consigo próprio: «o poeta múltiplo e fingidor que até se parecia com o Kafka nos chapéus que usava e na mania dos labirintos, esse passou a vida a inventar-se destinos diferentes convencido que se iludia a si próprio e acabou por morrer como toda a gente, cheio de saudades de si»¹⁶.

A admiração por alguns estrangeiros, nomeadamente os de língua francesa, é bem exposta em algumas páginas diarísticas. Fica, a título de exemplo, este comovido elogio a Marguerite Yourcenar aquando do seu falecimento em 18 de dezembro de 1985:

¹⁴MATHIAS, 2010a: 174.

¹⁵MATHIAS, 2010a: 164.

¹⁶MATHIAS, 2010a: 323.

Da Antiguidade Clássica à Renascença, amou a História e os homens que nela se perderam, porque a política é também ventura para aqueles que ambicionam servi-la livremente.

Íntima do mundo grego como da moderna literatura japonesa, das lendas eslavas como dos poemas negros norte-americanos, dona de uma erudição forjada e fecundada no conhecimento dos clássicos, cozia no forno da sua casa o pão porque nada do que era humano lhe era indiferente¹⁷.

Percebe-se a atração do embaixador pelos livros dos outros bem como a formação que através deles foi adquirindo e daí se infere, até por breves anotações de passagem, a relação por ele estabelecida entre a formação assim adquirida, as viagens como aquisição de conhecimento alargado do mundo, e a personalidade do indivíduo, como se depreende destas perguntas retóricas sobre Adelino Amaro da Costa: «Por onde tem viajado? Que livros lê? Que figuras históricas admira? Que infância foi a sua? Sim, que homem é ele fora do combate ideológico?»¹⁸.

A literatura vem carregada de memória, como vem o escritor que lhe dá corpo, mas, se, de um lado, ela fica como valor documental historiável, por outro as múltiplas construções imaginativas a que procede — reinventando e conferindo realidade ao irreal, como bem nos ensinou esse genial inventor de falsas memórias, mas exímio guardador de cultura na sua prodigiosa memória, que foi Jorge Luis Borges — constituem um dos tesouros que ainda hoje ciosamente guardamos.

Essa herança recebida e transmitida, seja em forma de intertextualidade declarada, seja por outros expedientes, como o comentário crítico, o ensaio mais ou menos literário, é filtrada e valorizada segundo as diversas sensibilidades do leitor, mas a que não serão alheias tendências estéticas e teorias críticas dominantes. Daí resulta uma seleção que vive da relação memória/esquecimento, trazendo à luz o que se acha merecer voltar, deixando o resto na penumbra: uma estética ou um género dominantes, um livro de um autor, que fica como representante de todos os outros, etc. Uma breve referência, uma frase concisa, podem ser de uma eloquência ou uma poeticidade que ficam para a história.

Há mestres da contenção, como Valéry ou Jorge Luis Borges, que entusiasmam Italo Calvino, igualmente admirador das formas breves. Valéry é mesmo por ele eleito como paradigma de um dos valores que ele desejaria transmitir ao próximo milénio, este onde estamos: «o da uma literatura que tenha como apanágio o gosto da ordem mental e da exactidão, a inteligência da poesia e ao mesmo tempo da ciência e da filosofia, como a do Valéry ensaísta e prosador»¹⁹.

¹⁷ MATHIAS, 2010a: 323.

¹⁸ MATHIAS, 2010a: 120.

¹⁹ CALVINO, 2002: 140.

O elogio que Italo Calvino faz do aforismo, forma literária herdada do século XIX, tal como o poema em prosa o foi, encontra eco noutros contemporâneos, por ele ser o expoente máximo do raciocínio contido, mas pleno de significação. Entre nós, Vergílio Ferreira cultiva-o em *Pensar e Escrever* e elogia explicitamente a máxima, que, em termos enunciativos, lhe é próxima, como mensagem afirmativa que não deixa brechas. Marcello Duarte Mathias louva-o e cultiva-o igualmente no seu *Brevíssimo inventário*, que abre com duas epígrafes, uma de Agostinho da Silva e outro de Cioran.

Esse pensamento fragmentariamente anotado é hábil em mostrar o funcionamento da memória «por eclipses», como anota aquele autor, deixando uma parte da realidade na sombra, o que no género em questão não constitui problema, até porque a escrita não submetida a uma cronologia nem obrigada a um a sequência causal-temporal deixa margem para pensar ao acaso, como quis Vergílio Ferreira, ou para a memória do que se não viveu, como pretende Marcello Duarte Mathias:

*Lembro-me de coisas que não vivi como se as tivesse vivido, por exemplo, o Tejo e as naus no Tejo em 1500 e a vida que então era a de Lisboa, com a sua população mesclada de mercadores, frades, artífices, jornaleiros, nautas estrangeiros, figuras da nobreza, vendedores e vendedeiras*²⁰.

Estamos com os grandes escritores que muito (bem) escreveram por muito (bem) terem lido, fazendo da sua criativa escrita uma viagem onde levam na mala a sabedoria alheia. É a imagem do escritor que se projeta na memória das gerações, são as frases memoráveis que se vão repetindo pelos tempos, com as reinterpretações que lhes acrescentam informação. Quem vier atrás há de testemunhar como será no futuro. Não somos sábios, mas reconforta-nos a perentória afirmação de Harold Bloom: «Lemos e refletimos porque temos fome e sede de sabedoria»²¹, o que será uma maneira de confiarmos ainda na memória dos livros.

É com George Steiner que concludo, ao recordar as suas palavras sobre a relação, na qualidade de leitor/crítico, com os livros dos outros como um ato de amor e de gratidão:

*Toda a minha obra assenta na apreensão das vozes que se aproximam de mim. É por isso que escrevo na primeira linha de Tolstoi ou Dostoiewski, que toda a verdadeira crítica é um ato de amor. [...] Aos meus olhos, toda a boa leitura retribui uma dívida de amor*²².

²⁰ MATHIAS, 2010b: 100.

²¹ BLOOM, 2008: 245.

²² STEINER *apud* JAHANBEGLOO, 2000: 81.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter (1996) — *O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. In *Magia e técnica, arte e política*. 10.^a reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 197-221.
- BLOOM, Harold (2008) — *Onde está a sabedoria?* Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água. Título original: *Where Shall Wisdom Be Found?*.
- BORGES, Jorge Luis (2002) — *Este ofício de poeta*. Lisboa: Teorema.
- CALVINO, Italo (2002) — *Seis propostas para o próximo milénio*. 4.^a ed. Trad. de José Colaço Barreiros. Lisboa: Teorema, 1993. Título original: *Lezione Americane — Sei proposte per il prossimo millennio*, 1990.
- ____ (2003) — *Ponto Final*. Trad. de José Colaço Barreiros. Lisboa: Teorema. Título original: *Una pietra sopra*, 1995.
- CATROGA, Fernando (2003) — *Caminhos do Fim da História*. Coimbra: Quarteto.
- FERREIRA, Vergílio (1992) — *Pensar*. Lisboa: Bertrand.
- MATHIAS, Marcello Duarte (2008) — *Encontro em Capri ou o Diário Italiano de Gorki*. Alfragide: Oceanos.
- ____ (2010a) — *Os Dias e os Anos. Diário 1970-1993*. Lisboa: Dom Quixote.
- ____ (2010b) — *Brevíssimo Inventário*. Lisboa: Dom Quixote.
- STEINER, George; JAHANBEGLOO, Ramin (2000) — *Quatro entrevistas com George Steiner*. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fenda. Título original: *Entretiens avec Ramin Jahanbegloo*, 1999.